

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA PERSPECTIVA DOS SUJEITOS
SUBALTERNOS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE: UM RESGATE DA MEMÓRIA
DA OCUPAÇÃO DO MUTIRÃO DA VIDA¹****THE PRODUCTION OF URBAN SPACE FROM THE PERSPECTIVE OF
SUBALTERN SUBJECTS IN JUAZEIRO DO NORTE-CE: A RESCUE OF THE
MEMORY OF THE OCCUPANCY MUTIRÃO DA VIDA**Anael Ribeiro SOARES²Rodrigo José de Góis QUEIROZ³

Resumo: Nesse texto, nos propomos a refletir sobre o protagonismo dos sujeitos subalternizados na luta pelo espaço urbano, trazendo à tona o contexto de reprodução da vida ao longo da formação histórica da cidade de Juazeiro do Norte, localizada no extremo sul do Ceará. Se trata de uma cidade cuja gênese está vinculada ao catolicismo popular, representado pela figura do Padre Cícero, mas também a cultura sertaneja tendo em vista o expressivo afluxo de migrantes nordestinos em direção aquilo que consideravam ser uma cidade santa. Uma vez fixados na cidade, das mais diversas formas, os sertanejos expropriados procuravam resistir às secas, ao contexto de miserabilidade, travando conflitos com segmentos sociais dominantes, produzindo uma cidade na qual se reivindicava o habitar, as condições urbanas, através de experiências de auto-organização e resistência. Diante da ênfase na produção econômica *stricto sensu* e seus nexos com a produção do espaço urbano na literatura local, esse texto consiste em uma inflexão na medida em que lança luz sobre a história dos sujeitos subalternos e suas espacialidades, cujo marco principal foi o movimento dos sem teto na última década do século XX na ocupação urbana do Mutirão da Vida na cidade em questão.

Palavras-chave: Juazeiro do Norte; Sujeitos Subalternos; Produção do Espaço.

Abstract: In this text, we propose to reflect the protagonism of subordinate subjects in the struggle for urban space, bringing up the context of reproduction of life throughout the historical formation of the city of Juazeiro do Norte, located in the extreme south of Ceará. It is a city whose genesis is linked to popular Catholicism, represented by the figure of Father Cicero, but also the *sertaneja* culture, in view of the expressive influx of northeastern migrants towards what they considered to be a holy city. Once settled in the city, in the most diverse ways, expropriated sertanejos sought to resist drought, the context of poverty, fighting conflicts with dominant social segments, producing a city in which they claimed to inhabit, urban conditions, through experiences of self-organization and resistance. Given the emphasis on *stricto sensu* economic production and its links with the production of urban space in local literature, this text ends up being an inflection in that it sheds light on the history of subaltern subjects and their spatialities, whose main landmark was the movement of homeless in the last decade of the 20th century in the urban occupation of the 'Mutirão da vida' in Juazeiro do Norte.

keywords: Juazeiro do Norte, Subaltern subjects, production of space.

¹ A pesquisa de campo foi desenvolvida e concluída pelos autores entre os anos 2013-2015 e o texto redigido nos anos subsequentes.

² Mestre em Geografia humana pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor da rede pública estadual de ensino do estado do Ceará.

³ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente faz estágio de pós-doutorado no PRODEMA – UFPE.

Neste trabalho apresentamos uma discussão sobre a produção do espaço urbano em Juazeiro do Norte no Ceará na perspectiva dos sujeitos subalternizados, dando enfoque ao processo histórico ao longo do século XX, apresentando os elementos do movimento populacional em busca da cidade, bem como da produção da cidade precária pelos migrantes pobres. Nesse sentido, nossa proposta de pesquisa passa pelo resgate da memória dos movimentos sociais urbanos em Juazeiro do Norte (CE), especialmente a ocupação urbana do Mutirão da Vida no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Para tanto, utilizamos as técnicas de pesquisa bibliográfica e qualitativa, compreendendo que as mesmas têm fundamental importância para aproximação de estudos do cotidiano e do ordinário, trazendo como preocupação dar conta das representações dos agentes envolvidos na produção do espaço.

De acordo com Deslauriers e Kerisit (1992, p. 130) “o objetivo de uma pesquisa qualitativa pode ser o de dar conta das preocupações dos atores sociais, tais quais elas são vividas no cotidiano”. Assim, a pesquisa qualitativa contribui com a busca do entendimento da História e da Geografia social mais ordinária, daquelas coisas tão comuns, tão evidentes, que ninguém dá a devida atenção. Neste artigo, procuramos apresentar as inúmeras tensões e conflitos entre agentes na produção do espaço em Juazeiro do Norte, destacando os sujeitos subalternizados e suas lutas pela ocupação do espaço urbano.

As discussões teóricas desenvolvidas neste artigo sinalizam para abertura de um diálogo em torno da dialética da práxis e da experiência, das possibilidades de uma geografia relacional do ponto de vista dos sujeitos subalternizados, bem como da importância de trazer visibilidade para estes grupos sociais excluídos das benesses da modernidade, mas que através da organização política conseguem fazer valer suas demandas. Desta feita, propomos dialogar com filósofos como Walter Benjamin e Henri Lefebvre, bem como com Geógrafos influenciados por esse debate. Vale salientar que estes filósofos fizeram um resgate das contribuições do jovem Marx em torno da práxis, da crítica prática e da autocrítica, da experiência e do conceito de produção social, ampliando e desenvolvendo (criativa e construtivamente) suas possibilidades, sem se limitar ao marxismo oficial. Nesse sentido, buscamos trazer essas contribuições para uma leitura dialética do espaço na produção da cidade em Juazeiro do Norte à luz da luta de classes.

Movimentos sociais urbanos em Juazeiro do Norte (CE): uma mirada a partir dos “de Baixo”

Sob uma perspectiva histórica-espacial, consideramos crucial apostar no entendimento do processo de produção do espaço pelos “de baixo”, buscando dar visibilidade a esses sujeitos esquecidos pela História e Geografia oficial. Nesse sentido, acreditamos que a chave para empreender um salto (qualitativo) para além da perspectiva estruturalista reside no cotidiano, dimensão na qual insurgem estes sujeitos, enfatizando, com isso, a pretensão de levar as últimas consequências o argumento de Berman (2001, p. 190) segundo o qual “[...] ler o capital não vai nos ajudar se não soubermos também ler os sinais das ruas”. Aprofundando essa discussão, Berman (2001) argumenta sobre a importância do texto “Teses sobre o conceito de história”, de Walter Benjamin, no qual o mesmo faz a crítica da história oficial que prioriza os vencedores, indo no caminho do resgate da memória dos anônimos.

Nesse caminho, Benjamin (1994) considera que estes sujeitos são aqueles vencidos, os quais, ainda que com limitações, forjam no cotidiano vivido sua própria história das mais diversas maneiras. A proposta benjaminiana busca rerepresentar os sujeitos invisibilizados pela história oficial. Ele exclama contra a homogeneização da sociedade pela modernização capitalista, propondo um resgate da memória, afinal: “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? [...] O passado dirige um apelo” (BENJAMIN, 1994, p. 223). Nesse debate, Harvey (2012) propõe uma aproximação do método de Benjamin para pensar as possibilidades de valorização da imaginação geográfica no caminho da construção dos espaços de esperança pelos sujeitos políticos e movimentos sociais.

Para Harvey (2012, p. 19), a teoria da história de Benjamin permite “[...] representar a maneira com que este espaço é emocionalmente, afetivamente, mas também materialmente vivido”. Em sua argumentação, Harvey (2012) afirma que o conceito de memória de Benjamin tem uma potencialidade de revelar novas possibilidades em momentos de crise. Em suas palavras: “A memória coletiva [...] pode desempenhar um papel significativo na animação dos movimentos políticos e sociais” (HARVEY, 2012, p. 26). Nessa perspectiva, de acordo com Lefebvre (1991, p.44), trata-se de “[...] descobrir a profundidade sob a trivialidade, atingir o extraordinário do ordinário [...] com base na vida dos trabalhadores [...]”.

Essa mirada a partir dos “de baixo” se desdobra à luz da dialética. Uma vez que é por meio da produção do espaço urbano que o capital se reproduz enquanto mercadoria contemporaneamente (CARLOS, 2011) - embora não exclusivamente -, têm-se como rebatimento dialético desse processo uma resistência da classe trabalhadora, sobretudo por meio

de greves, participação ativa em movimentos sociais, mobilizações populares, ocupações, já que para essa mesma classe o espaço urbano tem outro sentido, voltado as suas necessidades mais imediatas a princípio. Essa contradição inerente à reprodução urbana no capitalismo se expressa, notadamente nos países periféricos, no processo de segregação socioespacial⁴, evidenciada nos espaços mais privilegiados em termos de infraestrutura e acessibilidade que são alvos de interesse de promotores imobiliários, de empreendimentos privados em geral, em contraposição a classe trabalhadora historicamente subalternizada no bojo das relações sociais de produção, sobre a qual também se impõe à espoliação urbana na medida em que essa é forçada a ocupar os espaços periféricos, as áreas de morro, próximo aos córregos e várzeas de rios⁵.

À margem da condição urbana, sem acesso a transporte público adequado, sem saneamento básico, em meio à miserabilidade urbana, num plano global desde a emergência da cidade industrial, tal como denunciou Engels ainda no século XIX, a classe trabalhadora tem se organizado com vistas não apenas para a conquista da moradia, reivindicação histórica de movimentos sociais urbanos e da classe trabalhadora, como também em busca do direito à cidade, isto é, de uma cidade em que o valor de uso não seja subsumido pelo valor de troca, uma cidade efetivamente democrática, projeto utópico revolucionário alternativo à cidade capitalista já constituída (LEFEBVRE, 2001).

No interior desse debate, Carlos (2008) argumenta sobre a importância do entendimento do processo de (re)produção do espaço urbano através das contradições da luta de classes. Para a autora, a dimensão espacial da luta de classes se expressa desde a divisão internacional do trabalho, passando pela divisão espacial do trabalho no âmbito do território nacional. Em suas palavras: “A crise urbana deve ser entendida dentro desse contexto. Não resta dúvida de que nos países dependentes, como o Brasil, a desigualdade é mais aguda” (CARLOS, 2008, p.181). Assim, para a autora, no âmbito das contradições entre a produção do espaço pelos trabalhadores e a apropriação privada pelas classes dominantes, surgem os movimentos sociais urbanos de reivindicação por melhor qualidade de vida.

Nesse sentido, as relações sociais que se estabelecem no espaço urbano têm refletido e ao mesmo tempo condicionado a luta de classes. Por essa razão, procuramos demonstrar que as

⁴ Para Correa (2013, p.42) consiste no “(...) acesso diferenciado aos recursos da vida, sobretudo aqueles recursos escassos, que tendem a ser encontrados em áreas onde vive uma população de renda mais elevada e dotada de maior poder político para criar ou pressionar a criação de condições mais favoráveis para existência e reprodução.”

⁵ Na realidade brasileira, se considerarmos as áreas residenciais derivadas de ocupações nota-se o caráter estrutural desse processo, que alcança pelo menos 20% da população do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, 28% da população de Fortaleza e 33% da população de Salvador (MARICATO, 2011).

ocupações urbanas que reivindicam moradia são formas de resistência em face da exclusão que se impõe a classe trabalhadora no espaço urbano a partir do processo de segregação socioespacial. As estratégias adotadas e conflitos travados contra agentes hegemônicos que atuam na produção do espaço urbano local sinalizam, ainda que virtualmente, para o exercício de uma política de classe, em favor dos anseios sociais das camadas populares na luta pelo direito à cidade.

Como argumenta Carlos (2008), o processo de reprodução da força de trabalho e a luta pelo direito à cidade está intimamente ligado ao plano do vivido no/do espaço, em que a luta de classes se apresenta como momento privilegiado de produção e reprodução da cidade. Para a autora, como reprodução da vida, a cidade é “[...] o lócus da habitação e tudo o que o habitar implica a sociedade atual: escolas, assistência médica, transporte, água, luz, esgoto, telefone, atividades culturais e de lazer, ócio, shopping etc” (CARLOS, 2008, p.86). A autora também complementa: “[...] o uso residencial será determinado pelo papel que cada indivíduo ocupará (direta ou indiretamente) no processo de produção geral da sociedade e, conseqüentemente, de acordo com o lugar na distribuição da riqueza gerada.” (CARLOS, 2008, p.86).

Ademais sabemos que a “[...] habitação, como uma das necessidades básicas e fundamentais do homem, dá-nos uma visão precisa sobre o modo de vida urbano, o local de morada associada ao preço da terra” (CARLOS, 2008, p.135). Nesse sentido, para Carlos (2008), a cidade é a expressão da materialização espacial das desigualdades sociais. Assim

Entender o espaço urbano do ponto de vista da reprodução da sociedade significa pensar, no seu cotidiano, o homem como ser individual e social no seu modo de viver, de agir e de pensar. Significa entender o processo de produção do humano num contexto mais amplo da produção da história, e como os homens produziram as condições materiais de sua existência. Hoje, essas condições produzem-se aprofundando a contradição entre a opulência e a miséria; trata-se de uma sociedade onde a distribuição de riqueza gerada dá-se de modo contraditório. O espaço, considerado como reprodução do indivíduo, produz-se refletindo a contradição entre a produção e a distribuição da riqueza, já que as condições de vida da sociedade urbana estão vinculadas direta ou indiretamente a estas formas; uma relação de poder que extrapola o lócus de trabalho. (CARLOS, 2008, p.134)

Nesse sentido, concordamos com a leitura das desigualdades socioespaciais propiciada por Rodrigues (2004, p. 74), segundo o qual “a desigualdade socioespacial é expressão do processo de urbanização capitalista, um produto da reprodução ampliada do capital que se perpetua como condição de permanência da desigualdade social”. Em outra obra, Rodrigues (1997) alerta para diferenciação entre favela e ocupação. As ocupações urbanas correspondem ao processo de organização dos moradores em conjunto com os movimentos reivindicativos

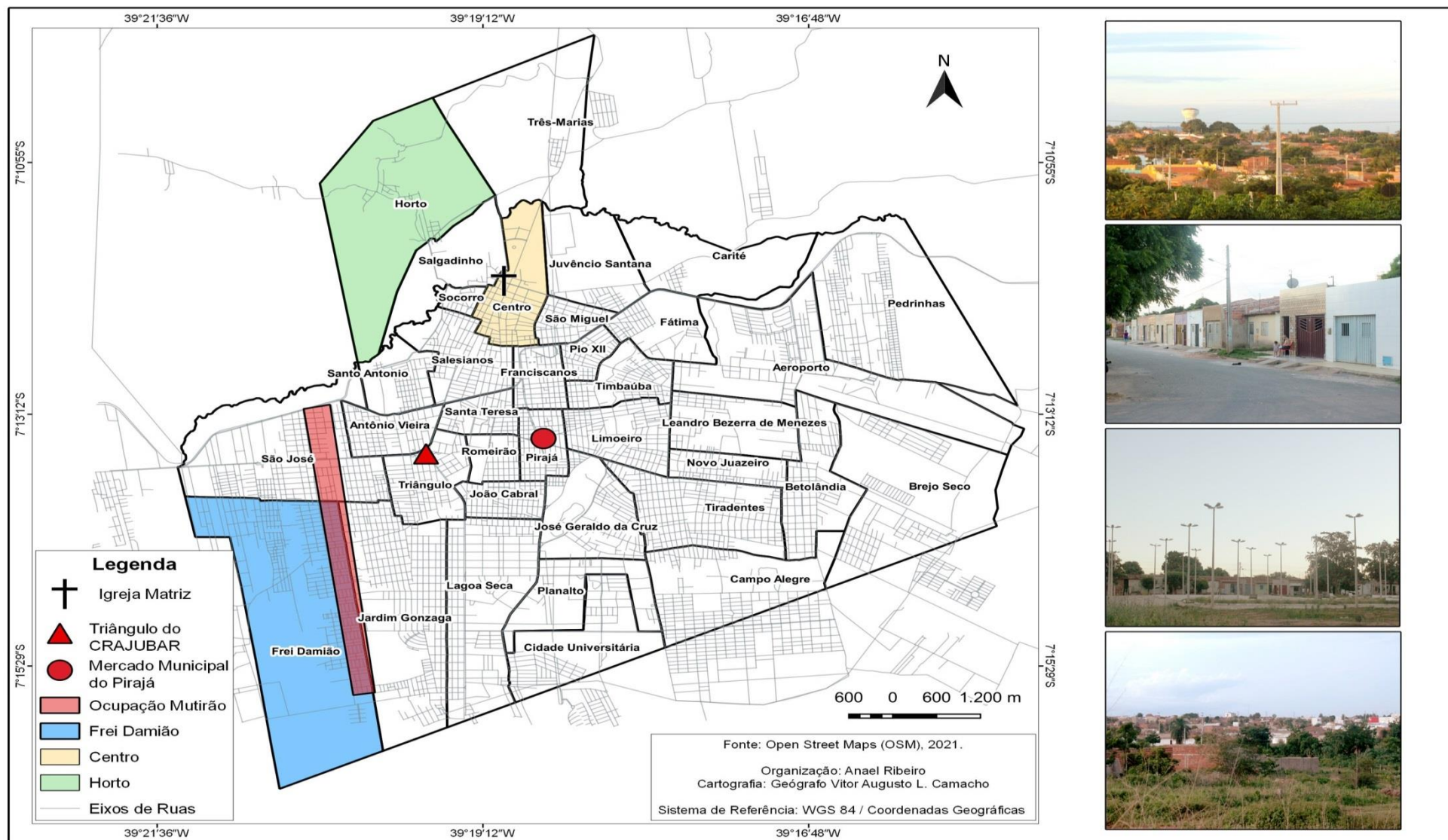
urbanos. Para esta geógrafa: “Estas ocupações são também, como as favelas, irregulares do ponto de vista jurídico da propriedade da terra” (RODRIGUES, 1997, p.43). As favelas, por outro lado, são processos mais espontâneos de ocupação individual por parte daqueles que não possuem um lugar para morar com suas famílias, havendo relativa aceitação do Estado em um contexto histórico específico.

Com isto, em nosso trabalho, a fim de trazer a perspectiva da produção do espaço a partir desses sujeitos subalternizados, selecionou-se um recorte espacial mais específico, relacionado a ocupação urbana do Mutirão da vida, constituída no início dos anos 1990. Nos interessa aprofundar o estudo sobre a memória das lutas sociais em Juazeiro do Norte, procurando analisar as trajetórias de subalternidade dos sujeitos que integram a classe trabalhadora, seu processo de participação política, bem como suas ações de ocupação urbana, tendo em vista que a tradição dos oprimidos não tem registro. Trata-se de trazer à tona o ponto de vista dos vencidos (BENJAMIN, 1994).

Para tanto, porém, antes julgamos necessário fazer uma contextualização à luz do processo histórico no bojo da dinâmica urbana da qual necessariamente a ocupação urbana faz parte enquanto fragmento de uma totalidade aberta. Portanto, temos como objetivo à análise da dinâmica urbana de Juazeiro do Norte, cidade localizada no sul do Ceará, com vistas para uma mirada sobre os sujeitos que se fizeram presentes na produção dos espaços urbanos periféricos, na medida em que tais sujeitos reivindicavam uma cidade para o habitar, viabilizando a manutenção da vida humana. Na escala intraurbana, demos destaque a luta política dos sem teto no fim do século passado que culminou com a ocupação “Mutirão da Vida”, posteriormente integrada administrativamente ao bairro Frei Damião (Mapa 1).

Atualmente situado numa fronteira urbana cujo entorno tem sido dinamizado pela crescente expansão imobiliária associada a consolidação do Shopping Center como espaço de consumo regional, bem como à atividades terciárias, o Frei Damião é um bairro de origem periférica cujos moradores são aqueles sujeitos para os quais o urbano foi historicamente negado durante o processo de urbanização desurbanizante inerente à formação histórica das cidades capitalistas, a exemplo de Juazeiro do Norte. Durante a formação urbana desta, enquanto a burguesia local gozava do privilégio de residir no centro urbanizado os migrantes sertanejos recém chegados não tinham outra alternativa senão habitar as áreas periféricas em expansão, desprovidas de infraestrutura urbana.

Mapa 1 – Localização da Ocupação “Mutirão da Vida” no contexto da cidade de Juazeiro do Norte-CE.



Fonte: Open Street Maps (OSM), 2021.

Migração e memória na produção do espaço de Juazeiro do Norte

Em 1875, o arraial que hoje conhecemos como Juazeiro do Norte ainda conservava os traços essenciais de uma fazenda de cana de açúcar, com uma população que totalizava dois mil habitantes. As famílias proprietárias de terra (os Gonçalves, Macedo, Sobreira, Landim e Bezerra de Menezes) dominavam as relações de produção, ao passo que o restante da população era formada por trabalhadores ligados à fazendas de cana de açúcar, “[...] muitos deles descendiam dos escravos de padre Pedro, ou eram mestiços e brancos sem recursos”(DELLA CAVA, 2014,p.78), o que os tornavam conhecidos como criminosos, devido à bebida e ao samba, surgindo daí a missão de Padre Cicero, a saber: direcionar os habitantes do arraial para uma visão de fé, na qual o trabalho seria um elemento dignificante para o homem.

Concordamos com Araújo (2006) em sua tese sobre a (re) produção da cidade de Juazeiro do Norte pelos lemas de trabalho e fé, mas procuramos uma visão sobre os sujeitos subalternizados nesse processo, buscando compreendê-los como sujeitos ativos no processo histórico e na dinâmica urbana. Pudemos constatar tal premissa em trabalho de campo em 17 de julho de 2014, na Ladeira do Horto, mais precisamente na Pedra do Joelho, em entrevista com um memorialista de 84 anos afilhado de padre Cicero, que ressaltou claramente que a mensagem deixada pelo *Padim* era pedir paciência para aqueles devotos que vinham muito necessitados, com fome, nos períodos de seca, que não procurassem confusão, não procurassem saques – os quais eram muito comuns –, mas procurassem na fé que eles iriam encontrar trabalho para seus sustentos em Juazeiro do Norte.

Nesse processo, de acordo com Davis (2002); Neves (2000); Rios (2014) os retirantes da seca se viam atraídos ao Cariri cearense pelo fato de ser um vale úmido perante o semiárido seco, sendo denominado de “Oasis” pelos flagelados. De acordo com Davis (2002, p.199) no ano de 1888: “Sob a enérgica direção de Cicero, os flagelados plantavam safras de emergência de mandioca, saciavam a sede nas águas perenes do Rio Cariri, e rezavam para chover.” Em sua contagem, Della Cava apresenta que entre 1890 e 1898 a população da cidade passou para 5 mil habitantes, ao passo que subiu para 12 mil em 1905, chegando a 15 mil em 1909 com migrantes de diversas origens do Nordeste e até do Norte de Minas Gerais⁶.

Na argumentação de Neves (2000), se referindo aos retirantes no Ceará como um todo, no final do século XIX, pode-se dizer que estes procuravam qualquer meio para sobreviver, mesmo tendo que enfrentar a violência. No Cariri, durante a seca de 1888-89, era raro o dia em

⁶ Ver os documentos levantados por Della Cava (2014, p. 400, nota 14, cap. 5).

que não amanhecessem na vizinhança dos canaviais entre quatro e cinco cadáveres, denominados de infelizes, leprosos a infestar a terra alheia. Em suas palavras: “No Cariri, por exemplo, zona sul do estado e área mais úmida, [...] os descuidados invasores eram recebidos a bala” (NEVES, 2000, p.29).

Em sua pesquisa com fontes e arquivos, Neves (2000) apresenta que em 1889 já haviam ocorrido ações de saque no Cariri, como em Barbalha e Crato. Na primeira cidade, um grupo de 500 pessoas atacou armazéns e o comércio, amotinando a população local no interior de suas casas; já no Crato, um grupo de 2000 mil pessoas saqueou o armazém de socorros. Nesse contexto, os conflitos entre dominação e apropriação se tornam evidentes. Na passagem para o século XX, durante os anos de seca, a alta sociedade do Cariri se encontrava com medo das ações espontâneas empreendidas pelos flagelados da seca que viviam entregues à própria sorte.

Nesse momento, a figura de Padre Cícero aparece como central na passagem do povoado que estava em marcha de crescimento sob o codinome de cidade santa. Nesse contexto, “o patriarca pregava contra o emprego da violência” (DELLA CAVA, 2014, p.272). Por sua vez, no discurso de Dr. Floro em 1923 na defesa que fez do patriarca, afirmou que “Padre Cícero é um elemento de ordem naquele Sertão”. O nível de articulação política desenvolvida durante os eventos de 1912-1914 por Dr. Floro em parceria com Padre Cícero em nome de Juazeiro contribuiu com o quinhão do Cariri cearense no período de centralização federal, quando em 1919 os auxílios federais às regiões áridas do Nordeste para execução de obras públicas contra as secas chegaram em Juazeiro, “Foi naquele ano (1919) que Floro Bartolomeu recebeu subsídio federal para a pavimentação do centro urbano de Joazeiro. Milhares de homens e mulheres, desempregados em parte pela seca de 1919, passaram a trabalhar sob a direção de Floro” (DELLA CAVA, 2014, p.267).

Em consonância com os interesses de padre Cícero em prosperar seu lema de progresso e apego ao trabalho na cidade santa⁷, “[...] ele inculcava, também, no espírito desses camponeses os padrões de valores de uma economia baseada na mão de obra assalariada” (DELLA CAVA, 2014, p. 273), quando em 1926, chega a estrada de ferro “[...] pela qual Padre Cícero batalhara desde 1910 e para cuja construção forneceu o maior contingente de mão de obra”, consolidando a fama de Padre Cícero de protetor dos pobres, por beneficiá-los com empregos para sua subsistência.

⁷ O termo empregado considera o histórico vínculo religioso e a relação de sacralidade entre os fiéis seguidores do Pe. Cícero, muitos dos quais até hoje na condição de romeiros, com espaços da cidade apropriados para ritos e práticas do catolicismo popular.

Após alguns anos, e após a súbita morte de Dr. Floro em 1926, surgiram novas secas, como em 1932, de modo que novas levas de migrantes chegavam ao Cariri na procura pela promessa de emprego em novas obras públicas, sendo que a cidade de Juazeiro aparecia como opção de fuga, principalmente para os devotos de padre Cícero, que até o período contemporâneo procuram a atual Juazeiro do Norte como num apelo de fé.

Neste ano, em Juazeiro, os retirantes “[...] movidos pelo desespero da fome, assaltaram alguns estabelecimentos” (NEVES, 2000, p.119). De acordo com o autor, a iminência das ações de saque foram temidas pela população do Cariri quando cerca de 5.000 retirantes se concentraram nas proximidades da casa do prefeito pedindo trabalho. Por outro lado, em 1932, “Os jornais [de Fortaleza] anunciavam que a região do Cariri estava segura contra as invasões por causa das enérgicas medidas de seus administradores (leia-se espancamentos e assassinatos)” (RIOS, 2014, p. 69).

Neste ano, o governo estadual cria o departamento de secas, considerando as tarefas do poder público de acolher as vítimas da crise climática com o discurso de minorar seus sofrimentos. Pretendia-se, na realidade, evitar que a grande massa de população flagelada chegasse às cidades na condição de pedintes e saqueadores do comércio. Assim, “São criados, então, vários campos de concentração, espalhados pelas várias rotas de migração no sentido do interior para a capital” (RIOS, 2014, p. 123).

No Cariri, foi criado o campo de concentração do Burity, localizado na estrada que liga as cidades do Crato e Juazeiro, “[...] recebendo as migrações que se dirigem às áreas úmidas do Vale do Cariri” (RIOS, 2014, p. 123). De acordo com dados levantados por Neves (2000)⁸, o campo de concentração do Burity chegou a abrigar cerca de 59.863 retirantes no auge da seca em janeiro de 1933.

De acordo com Silva (2010), outro episódio de luta sertaneja no Cariri se deu com o Caldeirão entre os anos de 1926 e 1936, em que camponeses se estabeleceram em terras que foram “confiadas pelo Pe. Cícero ao beato José Lourenço” (SILVA, 2010, p.76). Como se sabe, muitos dos retirantes que procuravam o padre em Juazeiro eram orientados a trabalhar na agricultura como forma de subsistência e, nesse contexto, surge a Comunidade do Caldeirão.

De acordo com este autor, “A grande seca do Nordeste de 1932 mostrou o nível de autonomia e autossustentação alcançado pela comunidade do caldeirão” (SILVA, 2010, p. 83). Enquanto muitos retirantes esbarraram nas medidas de contenção no campo de concentração do Burity, outros encontraram apoio na comunidade do caldeirão, como relata o autor,

⁸ Ver tabela em Neves (2000, p. 253).

garantindo sua segurança alimentar. Em suas palavras: “A igualdade social, econômica, a solidariedade e a fraternidade praticada no caldeirão chamaram atenção de vários camponeses que lá se refugiaram, deixando para trás as condições de expropriação e subordinação as quais eram submetidos nos latifúndios da região” (SILVA, 2010, p. 84).

Nesse contexto, os coronéis da região, se prevenindo contra a possibilidade de outros camponeses seguirem o exemplo do caldeirão, fundando comunidades com o mesmo princípio organizativo e comprometendo a abundância de força de trabalho camponesa, iniciaram uma campanha contra a figura do beato José Lourenço, culminando no massacre à comunidade em 1936⁹. De todo modo, concomitante a luta sertaneja do caldeirão, a cidade de Juazeiro continuava a atrair retirantes. Em sua obra repleta de crônicas, Menezes (2012) argumenta que as mesmas se tratam de um diário com textos produzidos pelo seu avô Otávio Aires de Menezes, que foram lidos em um programa radiofônico por todo um período contemporâneo ao patriarca, que chegaram em suas mãos no início dos anos 1980. Em uma de suas crônicas ficam explícitos os relatos sobre a produção da cidade espontânea e informal:

Famílias e mais famílias chegavam diariamente para fixar residência definitiva no Juazeiro que começou a crescer assustadoramente. Ruas e mais ruas de casa de taipa (meia água) entremeadas de algumas construções em alvenaria iam se formando e prologando as vias. As matas da Timbaúba, do sítio dos Macacos e da Fazenda Nova, foram depressa devastadas em decorrência do corte de madeira para tais habitações. Essas construções de taipa, a meia água, foram realizadas tão rapidamente que não se orientaram pelo alinhamento das ruas, nem observaram suas larguras, afastando-se do estilo moderno de urbanização. A prova está aí até hoje (MENEZES, 2012, p.88).

Nesse sentido, observamos que estes anos marcam trajetórias coletivas de uma população sertaneja, que em períodos de seca, (re)inventa táticas de sobrevivência e apropriação do espaço urbano, através de ações de saque ou mesmo de apego a fé desde o suposto milagre atribuído ao padre Cícero. Apesar disso, temos de constatar que uma visão sobre os sujeitos subalternizados no interior do processo de urbanização desta cidade é analisada apenas de forma marginal nos estudos que priorizam a análise da estruturação do espaço-tempo e das relações sociais, sendo necessária uma narrativa diferenciada sobre os episódios, rerepresentando as invisibilidades e resistências histórico-espaciais.

⁹ Ver SILVA, 2010: de acordo com a argumentação deste autor, o sonho do caldeirão contribuiu com a autoafirmação dos camponeses da região do cariri quando os mesmos se lançaram na ocupação das terras do caldeirão, formando o atual assentamento 10 de abril.

Urbanização e expansão da moradia precária em Juazeiro do Norte-CE

A morte de Padre Cícero em 20 de julho de 1934 foi sentida com muito pesar pelos flagelados, trabalhadores, classes simples, que haviam procurado aquela cidade em busca de suas bênçãos, gerando tumulto na cidade naquele dia. Trata-se de um indivíduo marcante no processo de urbanização da cidade que conhecemos hoje como Juazeiro do Norte e cuja religiosidade dele derivada atraiu e ainda atrai, até hoje, uma população em busca da cura proporcionada pela crença na santidade deste padre.

Nos trabalhos de campo em Juazeiro do Norte nas datas de 16 a 20 de janeiro de 2014 foi possível percorrer alguns bairros, desde toda a ladeira do Horto, conversando com populares dispostos a trocar uma prosa, até mesmo pelo bairro do Frei Damião (especialmente a ocupação urbana do mutirão de 1990), passando pelo João Cabral - em algum momento perguntávamos sobre a influência de Padre Cícero na cidade -, sempre era relatada essa busca pelo padre santo pelos familiares mais antigos ou até mesmo os próprios migrantes, retirantes, senhoras e senhores mais antigos, que relatam emocionados sua busca pelo “padim”, principalmente na ladeira do Horto, mas não menos no João Cabral e Mutirão.

Contudo, novamente em um movimento regressivo, no contexto dos anos 1930, de acordo com Della Cava, a morte política de Padre Cícero já havia sido decretada, primeiramente pelo árduo trabalho de articulação desenvolvido por Floro Bartolomeu no interior dos círculos dos coronéis, até o nível nacional, conseguindo angariar políticas públicas para Juazeiro até sua morte em 1926, quando os fazendeiros e comerciantes da cidade trataram de difundir o lema do progresso contra os flagelados de padre Cícero.

De acordo com Della Cava (2014), o crescimento econômico associado à economia do algodão nos anos 1930 havia chegado em Juazeiro, atraindo grande investimento de capitais por parte da empresa americana Anderson Clayton Company, bem como da criação de um sistema bancário em 1932. Nas palavras de Della Cava (2014, p.281), esse “angustiado processo de despertar regional” perdurou pelos anos 1950 e 1960, com as elites locais difundindo o discurso do progresso e da modernização.

Em seu esforço para trazer à tona as formas da cidade de Juazeiro em seu processo histórico, Pereira (2014) confronta duas descrições do espaço urbano nos anos 1930, demonstrando a partir de uma análise de discurso, os interesses de Manoel Dinis, amigo de Padre Cícero e com acesso à elite caririense, em apresentar uma visão da cidade na qual a área central se sobrepunha a área periférica, ressaltando o formato de xadrez das ruas centrais e buscando apagar a existência de uma cidade precária, de pouco acesso a “benesses” da

economia vigente. Por outro lado, a descrição de Odisio, um artista escultor que chegou a morar numa casa de tapera e pau-a-pique, com barro à vista, cheia de buracos, chega a afirmar que 80% da cidade naquele ano de 1935 eram de casas insalubres, construídas com barro e palha.

No que diz respeito aos anos 1940¹⁰, o autor ressalta a continuidade da expansão urbana em suas formas precárias, com o aumento da população urbana e a expansão de sua malha construída, processo que se deu, em nossa hipótese, através de migrantes flagelados das secas periódicas, retirantes que procuravam as cidades em busca de uma subsistência e que, naquele momento, já entoava um discurso no sertão de que a modernização alcançava a cidade. Para Pereira (2014), durante esses anos, se pode encontrar novos elementos no espaço urbano através da fragmentação das grandes propriedades rurais, principalmente da família dos Bezerra, e o crescimento da cidade, no que estamos entendendo como aspectos da dominação na produção do espaço em vias de urbanização.

No ano de 1949, é retratado no Jornal “Correio de Juazeiro”¹¹ elementos da precarização das moradias¹² no espaço da cidade, através do aspecto desagradável visualizado ao longo da estrada de ferro, de que a maioria das casas são palhoças, resultado da miséria vivida por aqueles “operários pobres desprotegidos da sorte”. Interessante que o referido jornal, em posição pró-elitista alienada e alienante, alerta o Senhor Prefeito sobre tal situação, não para amenizar o sofrimento destes pobres coitados, mas, isto sim, que faça dali um bairro que não envergonhe os Juazeirenses.

No decorrer dos anos 1950, a produção do espaço de precarização e da cidade espontânea e informal vai se dando ao longo da linha férrea, naquela época as comunidades conhecidas como Desvio e Cidade Perdida¹³, se adensam em grande parte nas proximidades do convento dos franciscanos, hoje conhecida como igreja dos franciscanos. De acordo com Palmeira (2004), a favelização nas margens dos trilhos em Juazeiro do Norte se iniciou nos anos 1940, tendo como primeiro morador o Senhor José Pajeú que construiu sua casa de taipa. De acordo com informações coletadas no estudo supracitado, a favela cresceu recebendo retirantes de vários estados do Nordeste. Outro espaço de precarização da moradia, naquele momento, vai se configurando ao longo da ladeira do horto.

¹⁰ Por meio do decreto estadual nº 1.114 o município adotou o nome Juazeiro do Norte em 30 de dezembro de 1943.

¹¹ Ver: PEREIRA (2014, p. 86).

¹² “O espaço urbano da moradia precária inclui as várias formas de provisão da moradia pobre” (MARICATO, 2011, p.105).

¹³ Ver: PEREIRA (2014, p. 93).

Retornando ao diálogo com Neves (2000), o ano de 1958 novamente foi um ano de seca que mexeu com as estruturas urbanas da época, pelo retorno do pesadelo com os flagelados por parte das elites urbanas, tanto na cidade de Fortaleza como nas cidades do Cariri. Com o retorno de uma grande seca, surgem novamente os saques como estratégia de sobrevivência perante as agruras da miséria. Em suas palavras: “na seca de 1958, a presença das multidões de lavradores rondando as casas comerciais e os mercados públicos das cidades mostrou-se ainda mais vigorosa” (NEVES, 2000, p. 180).

A situação piorou, pois, naquela altura, eram utilizadas as frentes de trabalho para empregar boa parte dos flagelados com salários de subsistência, contudo, “Várias frentes de trabalho do DNOCS foram fechadas sumariamente após as eleições. [...] isso criou dramas indescritíveis para os flagelados” (NEVES, 2000, p. 188). O autor argumenta que a seca de 1958 foi dramática no Cariri, pois se trata de uma zona fértil na qual afluem os lavradores arruinados pela seca, “Barbalha foi invadida por mil flagelados, trabalhadores dispensados pelo DNOCS, que ameaçam saquear o comércio” (NEVES, 2000, p. 189).

No Crato, a situação ficou tensa entre as elites do centro, pois mais de dois mil flagelados foram em marcha e pretendiam por meios violentos obrigar o governo a pagar os salários atrasados das obras do DNOCS¹⁴. Empunhando as picaretas que vinham trabalhando, “[...] vários armazéns foram saqueados, causando um prejuízo calculado em cerca de 100 mil cruzeiros” (NEVES, 2000, p.191).

De acordo com Neves (2000), a seca de 1958 consolidou a tradição de saques e ações de massa como forma de pressão contra a propriedade privada e negociação com as elites contra os problemas imediatos da fome. Como ressalta o autor, esta tradição é contemporânea de outros movimentos sociais no campo em gestação, como as ligas camponesas, o que causava certo pavor às elites em transição de um capitalismo baseado na propriedade rural para investimentos urbanos em comércio, serviços e industrialização.

No caso de Juazeiro do Norte, contribui Pereira (2014), se consolida uma produção de uma cidade precária com a seca de 1958, ressaltando um quadro no qual as periferias se proliferam, de maneira tal que em todas as ruas, praças, porta de bares, pedintes disputavam violentamente a caridade pública¹⁵, sendo reconhecidamente um momento de crescimento populacional e adensamento urbano. Observamos, portanto, uma expansão da cidade

¹⁴ Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

¹⁵ Ver: SOARES (1968).

espontânea e informal que, segundo o autor, destaca-se novamente na rua do horto, desvio e cidade perdida enquanto espaços de precarização.

Durante os anos 1960, surgem os primeiros sinais de um processo de industrialização no Cariri. Em um contexto nacional, surgia o discurso de que a industrialização seria o vetor de progresso para combater o atraso da região Nordeste, principalmente no contexto da seca de 1958, surgindo a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Em outras palavras: “Surgiram novas situações econômicas: a primeira empresa de transporte coletivo, o aeroporto, a primeira companhia telefônica e a eletrificação de Paulo Afonso” (QUEIROZ, 2010, p. 38).

Por outro lado, Queiroz (2010) alerta para a existência de uma “vanguarda do atraso” com mentalidade capitalista primária no Cariri, pois na medida em que projetos de industrialização, em especial o Projeto Asimow, ainda se encontravam no papel, as representações políticas das classes dominantes traziam um ponto de vista nostálgico acerca da força econômica do Cariri. Em um momento de transição econômica no contexto nacional, as elites do Cariri procuravam novas fontes de receita¹⁶.

Em sua tese, Queiroz (2010) relaciona os grandes projetos de crescimento econômico no governo militar com seu caráter autoritário, procurando as articulações das classes capitalistas da região do Cariri. Concordamos com a posição crítica do autor, contudo, suas generalizações excessivas ao utilizar conceitos estruturais da análise econômica marxista, em muitos casos, não alerta para a particularidade local. Se questionando sobre o motivo pelo qual o projeto Asimow não vingou, ele relata que se tratavam de tentativas da burguesia norte-americana em conjunto com a Aliança para o Progresso, de implantar um clima de progresso em combate a “subversão” das lutas sociais que vinham sendo espalhadas pela organização dos movimentos sociais do campo através das ligas camponesas¹⁷.

Contudo, “em Juazeiro do Norte, nos anos 1960, já existiam fábricas abrigando centenas de operários” (QUEIROZ, 2010, p. 67), que instalavam suas moradias precariamente, naquele momento, principalmente no bairro Triângulo, tendo em vista a proximidade com as fábricas recém instaladas. Em outras palavras: “A instalação de indústrias nos anos 1960 vai dar uma intensidade na criação do bairro Triângulo anos 1970” (PEREIRA, 2014, p. 100).

¹⁶ “Devem ser postos em relevo a proeminência da agricultura e formas rudimentares de organização econômica, dentre as quais as oficinas, um artesanato tradicionalíssimo e estrutura comerciais em desproporção com o desenvolvimento geral do país”(QUEIROZ, 2010, p. 40).

¹⁷ “esse plano era um remédio preventivo contra o que os norte-americanos consideravam enfermidade esquerdista do Continente” (QUEIROZ, 2010, p. 49-50).

Em trabalho de campo no dia 17 de julho de 2014, entrevistamos o memorialista da pedra do joelho, que apresenta lucidamente muito conhecimento sobre a trajetória dos pobres retirantes que procuravam a cidade santa e, quando perguntado sobre a habitação popular nos anos 1960, nos afirmou: “Tinha muita gente, ali o Triângulo, São José que hoje é de... daquele seu José Tavares, esse pessoal procurava os proprietários, seu Zeca da cruz, Dotô Posidone e ajeitava os morador tudo casa simples né? casinha de taipa simplesinha...”

Por outro lado, em um estudo monográfico é ressaltado o processo histórico de formação do bairro triângulo afirmando que nem todos chegavam a dialogar com os proprietários: “Muitas pessoas que vêm residir nesses locais adquirem terrenos ou, na maioria das vezes, invadem algumas áreas públicas ou particulares e constroem suas casas sem nenhum cuidado estético” (SILVA, 2009, p. 29). Considerando-se o contexto de miserabilidade e superexploração da força de trabalho que, senão impossibilitava, limitava a própria existência dos trabalhadores, haja vista a gama de privações sofridas, não há dúvidas de que o termo “invadem”, utilizado tanto por Silva (2009) como também por Luna (2005), evidentemente expõe um posicionamento pouco crítico frente ao processo em tela.

Em termos de crescimento populacional, esse período é caracterizado pelo intenso número de migrantes a procura da cidade de Juazeiro do Norte. De acordo com dados do IBGE (Tabela 1), em 1940 o município apresentava uma população de 38.145 mil habitantes, ao passo que em 1950 a população era de 56.146; em 1960 a população da era de 68.494, já em 1970 a população salta para 96.047 e, finalmente, em 1980 a população ultrapassou a marca dos cem mil, chegando a 135.616 mil habitantes. Com o crescimento populacional em ascensão, por processos diversos, entre os quais a crise econômica da década de 1980, também cresceu o processo de urbanização precária.

Tabela 1 - População residente em Juazeiro do Norte, 1940 a 2010.

| Ano | População residente total | População residente urbana | População residente rural | Taxa de urbanização (%) |
|------|---------------------------|----------------------------|---------------------------|-------------------------|
| 1940 | 38.145 | 24.153 | 13.992 | 63,32 |
| 1950 | 56.146 | 42.822 | 13.324 | 76,27 |
| 1960 | 68.494 | 54.165 | 14.329 | 79,08 |
| 1970 | 96.047 | 80.641 | 15.406 | 83,96 |
| 1980 | 135.616 | 126.014 | 9.602 | 92,93 |
| 1991 | 173.566 | 164.922 | 8.644 | 95,02 |
| 2000 | 212.133 | 202.226 | 9.907 | 95,33 |
| 2010 | 249.939 | 240.116 | 9.823 | 96,07 |

Fonte: IBGE (2010).

Em uma triagem das monografias do curso de especialização em Geografia da Universidade Regional do Cariri, também encontramos referência ao processo de favelização nos idos dos anos 1960 na cidade de Juazeiro do Norte. O trabalho de Palmeira (2004) estudou o processo de favelização dos trilhos em Juazeiro do Norte, destacando seu início nos anos 1940, mas ressaltando seu adensamento em frente ao matadouro público no decorrer dos anos. Silva (2009), por sua vez, estudou o bairro Triângulo em Juazeiro do Norte com ocupação desde os anos 1960, ressaltando a grande quantidade de habitações de taipa.

O interessante trabalho de Luna (2005) estudou a favela Boca das Cobras ou Vila Jaime de Melo, na proximidade da igreja da matriz e, tendo como informante o padre Murilo, disse se tratar de uma ocupação desde os anos 1960, formada por romeiros que quando chegavam em Juazeiro acabavam se instalando em casas de taipa e lonas. Em suas palavras “Muitas famílias de outros lugares, ou mesmo daqui, chegavam e invadiam os terrenos” (LUNA, 2005, p.43). Vidal (1995) também estudou o papel das romarias e sua influência no processo de favelização em Juazeiro do Norte, destacando a Favela da Matriz.

Entre os anos de 1950 e 1980, por outro lado, são destacados por Gomes e Silva (2013) como período no qual as elites do Cariri procuram reinventar uma imagem de progresso para a cidade, contra a imagem construída nos tempos de padre Cícero, de uma cidade de flagelados, fanáticos e cangaceiros. Tal ideologia é implantada em consonância com as intervenções urbanas realizadas pelos poderes públicos, dentre elas o próprio processo de eletrificação e implantação de transportes coletivos na cidade.

Contudo, o aumento demográfico da cidade até o final da década de 1970 deixava claro a expansão das desigualdades socioespaciais, tendo em vista que “o crescimento demográfico resultou em uma maior precarização dos serviços públicos existentes e o surgimento de novas demandas” (GOMES; SILVA, 2013, p. 304). Em fontes de arquivo de jornais são apresentados os problemas de habitação, abastecimento de água, amontoados de lixo e buracos nas ruas. Um de nossos informantes relatou que nos anos de 1971, 1978 e 79, com o crescimento populacional intenso, a persistência do problema da pobreza e o retorno das secas, novamente foram registradas ações de saque no comércio em Juazeiro do Norte.

Em documento produzido pela Superintendência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (1980), citado por Pereira (2014), sobre as condições de vida da população de baixa renda nas cidades de Juazeiro do Norte e Crato, ressalta-se que as condições na periferia eram péssimas, considerando-se que as habitações, em sua maioria, foram construídas com material de qualidade inferior, ressaltando a miserabilidade de boa parte da população em contradição

com o processo de crescimento econômico que se experimentava na cidade de Juazeiro do Norte.

No âmbito dos Planos Nacionais de Desenvolvimento – PNDs do governo militar, os anos de 1974 e 1985 são marcados por investimentos na busca de reforçar o papel das cidades de Juazeiro do Norte e Crato como núcleos urbanos alternativos para atração de mão de obra, na medida em que passaram a ser alvo de programas nacionais de desenvolvimento urbano, sendo as duas cidades do Cariri incluídas no Programa Nacional de Desenvolvimento Urbano para Cidades de Porte Médio, com investimentos para a construção de conjuntos habitacionais com investimento divididos para ambas as cidades¹⁸.

Em um artigo sobre a organização urbana do Cariri em uma prestigiada revista local, Neves (1976) ressalta a proposição de um polo macro regional do Cariri e até mesmo a expectativa, naquele período, de políticas para consolidação da metropolização do Cariri¹⁹, com base em estudos desenvolvidos pela SUDENE e programa de cidades médias. Contudo, o autor ressalta a necessidade de superação das desigualdades socioespaciais, tendo em vista que dos 80 loteamentos conhecidos na prefeitura de Juazeiro do Norte naquele período apenas 30 estariam regularizados.

Produção do espaço urbano e luta política: ocupação urbana do mutirão da vida nos anos 1990.

Em nossa pesquisa, buscamos o entendimento da produção do espaço pelos sujeitos subalternos em Juazeiro do Norte (CE) através do resgate da memória do processo de luta

¹⁸ Ver Silva (2013) sobre as transformações no planejamento urbano em cidades de porte médio.

¹⁹ Ver Tese de Ivan Queiroz (2013), tendo em vista a atual institucionalização da região metropolitana do CARIRI, o autor se baseia em estudos do REGIC-IBGE para argumentar que a metrópole do CRAJUBAR, como aglomerado urbano-regional, é uma centralidade incontestável na escala dos sertões centrais do Nordeste brasileiro. Para este autor, atualmente modernas estruturas de abastecimento e prestação de serviços como fixos proporcionam fluxos de origens alhures, reforçando o papel do CRAJUBAR na escala dos sertões. Não obstante, temos reservas críticas a essa tese, pois embora reconheçamos a dinâmica de um processo de metropolização nos termos de Lencioni, autora na qual Queiroz (2013) se ampara, não nos convencemos de que há uma metrópole consolidada e já constituída, ainda que considerada a dimensão escalar. No mais, vale ressaltar, o processo de metropolização do na Região Metropolitana do Cariri, ao invés de um processo histórico no qual uma metrópole polariza uma região sobre sua influência, deve ser vislumbrado como a política de desenvolvimento regional concebida pelo Estado do Ceará através de dispositivos institucionais e políticas públicas voltadas para os fixos, notadamente no CRAJUBAR. Considerando-se toda problemática metropolitana no Brasil, sobretudo depois de 1988, quando passou a ser atribuição dos entes federativos a criação de regiões metropolitanas, a despeito da celebração entre ausência ou presença concreta e empírica do fato metropolitano, tomamos a Região Metropolitana do Cariri enquanto região metropolitana transitiva, tal como propõe Leopoldo (2020). Para esse autor, “[...] as regiões metropolitanas transitivas fazem parte desse processo de metropolização regional, centralizando e disseminando conteúdos e formas metropolitanas e financeiras, mas não se trata dos elos centrais do desenvolvimento regional desigual da acumulação capitalista” (LEOPOLDO, 2020, p. 96).

política da ocupação urbana do Mutirão da vida. Nos diversos trabalhos de campo realizados, pudemos conversar com moradores da ocupação do mutirão da vida, tivemos uma aproximação com o cotidiano do bairro, percebendo a formação de filas nas fábricas próximas, em torno das quais jovens se organizavam com o currículo abaixo dos braços. Neste caso, no âmbito da produção do espaço, percebe-se uma predominância da atividade industrial no bairro, com grandes, médias e pequenas fábricas, embora a maioria de fundo de quintal.

Por outro lado, é interessante observar que a produção do espaço não se deu pela industrialização atraindo a população para a moradia nos seus arredores, pelo contrário, se deu pela iniciativa das pessoas simples em se organizar na luta por moradia e contra as desigualdades sociais no final da década de 1980 e início da década de 1990, ao passo que as indústrias se aproveitaram do aglomerado populacional ali presente para se instalar nas proximidades (ver Mapa 2).

Mapa 2 - Indústrias e a Moradia na ocupação urbana do Mutirão da vida.



Fonte: Trabalho de campo/ Google OpenLayers.

As trajetórias coletivas dos sujeitos subalternizados na produção da cidade espontânea e informal em Juazeiro do Norte são marcadas pela extrema desigualdade, com eventos e ações espontâneas de massa contra a propriedade em busca da sobrevivência, explicitando as contradições da economia política do processo de urbanização e sua incapacidade de trazer uma resposta ao problema do desemprego, da fome e da precarização da moradia. De acordo com um dos nossos entrevistados, nos idos dos anos 1970 se gestava um movimento organizado por

setores minoritários da igreja católica ligada às Comunidades Eclesiais de Base - CEBs -, em busca de assistência à grande quantidade de pobres existente na cidade de Juazeiro do Norte.

Tal movimento aos poucos vai se articulando com indivíduos, grupos e partidos políticos em prol de um movimento de reforma urbana, contra as desigualdades sociais na região do Cariri. Como se sabe, no âmbito da ditadura militar, tais movimentos se organizam em uma perspectiva subterrânea, ao passo que com a chegada dos anos 1980 vão ganhando mais força. Contudo, um elemento interessante para análise diz respeito à difusão das lutas urbanas que aconteciam principalmente nas metrópoles chegarem em cidades médias como Juazeiro do Norte, impulsionando a luta por habitação.

Esse movimento nacional de luta urbana também chega em Juazeiro do Norte. Quanto a isso, em entrevista realizada 19 de julho de 2014, um dos articuladores da ocupação urbana afirmou: “O bairro do Mutirão ele foi assim, resultado de uma articulação do Partido dos Trabalhadores mesmo aqui de Juazeiro com base numa experiência que um companheiro nosso viu lá em São Paulo de ocupação de terra nesse caso dos sem teto na luta por moradia e isso foi no final”.²⁰

Contudo, no que diz respeito aos movimentos de “esquerda” organizada, Queiroz (2010) apresenta a formação das esquerdas no Cariri e a resistência contra a ditadura através dos intelectuais, artistas de rua, poetas em geral, principalmente na cidade do Crato, mas intervindo em Juazeiro, a partir da consolidação do Partido Comunista Brasileiro no subterrâneo da política.

De acordo com Avritzer(2009), em um plano geral, é possível definir as culturas brasileiras de participação democrática no quadro do processo de formação da identidade nacional participativa. Desde a reação militar aos processos de mobilização até a resistência ao regime ditatorial, passando pela redemocratização do país. Tais culturas de participação (comunitarismo cristão; nacional desenvolvimentismo; socialismo democrático; liberalismo republicano; cultura popular) formariam o caldo de todos os movimentos que se agruparam na perspectiva de uma grande reforma do regime político nacional, ou aquilo que Sanchez (2002) denomina de socialismo petista, seria uma síntese dessas culturas de participação.

Para Sanchez (2002), a participação do Partido dos Trabalhadores no processo de redemocratização brasileira apresenta a possibilidade de integração entre as instituições da

²⁰ Entrevista com liderança do partido dos trabalhadores – PT em Juazeiro do Norte e articulador do movimento sem teto na década de 1980/1990, realizada em 19/07/2014.

democracia representativa e as da democracia direta ou participativa, apontando para uma nova relação no interior da institucionalidade.

Esta relação culmina com a proposta de uma forma diferenciada de gestão municipal como síntese de todo o movimento de reforma da sociedade nacional, que foi o orçamento participativo - OP. Este seria um mecanismo de gestão democrática e participativa das políticas públicas para decidir a melhor alocação dos recursos. Para Sanchez (2002, p.14): “o surgimento do OP configura uma nítida ruptura com o clientelismo na política brasileira”, sendo clássica a experiência de Porto Alegre nos governos municipais no início dos anos 1990²¹.

No plano local da cidade de Juazeiro do Norte, as culturas de participação se articularam no final da década de 1980 na frente ampla que incluía setores da Igreja, tendências do partido dos trabalhadores, convergência socialista (atual PSTU)²², dentre outros lutadores independentes. Tendo como exemplo as lutas urbanas que vinham acontecendo no país como um todo, principalmente na cidade de São Paulo, com ocupações, protestos e a formação de movimentos sem teto, os militantes locais resolvem se articular na luta pela moradia tendo em vista as amplas desigualdades existentes na cidade.

Nesse sentido, se faz importante ressaltar as diferenciações dos movimentos sociais urbanos de cidade para cidade e de região para região, para não cairmos em análises superficiais e generalizações de episódios específicos. Como já ressaltou José Borzachiello da Silva (1992, p. 112) os movimentos de bairro se apresentaram com mais força na Região Sudeste, especialmente na cidade de São Paulo, porém esse processo se alastra em menor escala pelas cidades brasileiras.

Sendo assim, surge a necessidade de elucidar elementos da participação social na produção do espaço em cidades médias nordestinas. No caso de Juazeiro do Norte, tal processo de organização não foi fácil, como foi relatado por moradores, pois os ataques ideológicos feitos abertamente por muitos setores da sociedade ocorriam na medida em que os militantes e sem teto eram taxados de vândalos e comunistas pela elite local, diariamente os programas de rádio

²¹ Tal experiência de cogestão muito bem articulada em Porto Alegre desde 1989 pelas prefeituras petistas e os movimentos urbanos, se torna significativa ao nível mundial. Nas palavras de Harvey (2004, p.246): “Em cidades como Porto Alegre, na qual o partido dos trabalhadores tem tido o controle político há vários anos, tem sido descobertos alguns meios muito inovadores de melhorar a dotação popular de poder e formas democráticas de governar.”

²² Entrevista com liderança do partido dos trabalhadores – PT em Juazeiro do Norte e articulador do movimento sem teto na década de 1980/1990, realizada em 19/07/2014.

faziam críticas aos movimentos de esquerda em gestação. Nas palavras de uma das lideranças do movimento²³:

Já na primeira reunião a gente teve uma surpresa grande porquê já aforam umas duzentas pessoas e aí a gente passou a organizar o manifesto e definiu a linha de ação do movimento, o que que o movimento queria, queria a construção de moradias pras família da baixa renda de Juazeiro [...] o nome do movimento foi Mutirão da Vida, isso surgiu daí, então o prefeito na época era o Carlos Cruz, foram feitas várias manifestações, a primeira manifestação foi feita, a gente desceu até a matriz aqui pra pedir uma benção do Monsenhor Murilo ao movimento que era uma forma também, como o PT era muito estigmatizado na época aqui em Juazeiro era o partido da besta fera, dos comunista, que era contra a igreja essa coisa toda, essa foi uma forma também de quebrar esse preconceito e essa resistência, o Monsenhor Murilo fez a benção do movimento [...] depois o movimento ia convocando mais gente o movimento ia crescendo fazendo cadastro e eu acho que se chegou a bem mais de mil inscritos filiados e essas pessoas aderiram realmente muita empolgação o movimento, a segunda manifestação que houve na praça da prefeitura foi uma tarde ai essa manifestação foi muito mais vigorosa, foi... Tinha realmente umas, eu acho umas duas mil pessoas ou mais, a manifestação já bem... bem importante eu acho que talvez tenha sido a maior do movimento popular em Juazeiro naquela época lá desse período pós ditadura né?

A disputa pelo espaço urbano se acentuou nesse contexto, mobilizando os grandes agentes produtores do espaço urbano da cidade contra as ações e estratégias dos sem teto, pois uma ala da Igreja se opôs ao movimento, assim como empresários locais. Apesar das privações e precariedade, os sem teto reivindicavam o uso e a habitação como condição para existência, tentando driblar a espoliação urbana decorrente da especulação imobiliária.

A despeito das críticas da sociedade cariense, o Movimento Sem Teto em Juazeiro do Norte vai ganhando força no final dos anos 1980, articulando ativistas de esquerda à população pobre da cidade. Nesse processo, de acordo com os entrevistados, foram realizadas reuniões com as famílias que moravam em inúmeros espaços periféricos e populares da cidade, como Matadouro, Trilhos, João Cabral, favela do fio de alta tensão, do Romeirão, Aeroporto, Margens do Rio Salgadinho, Bairro Socorro.

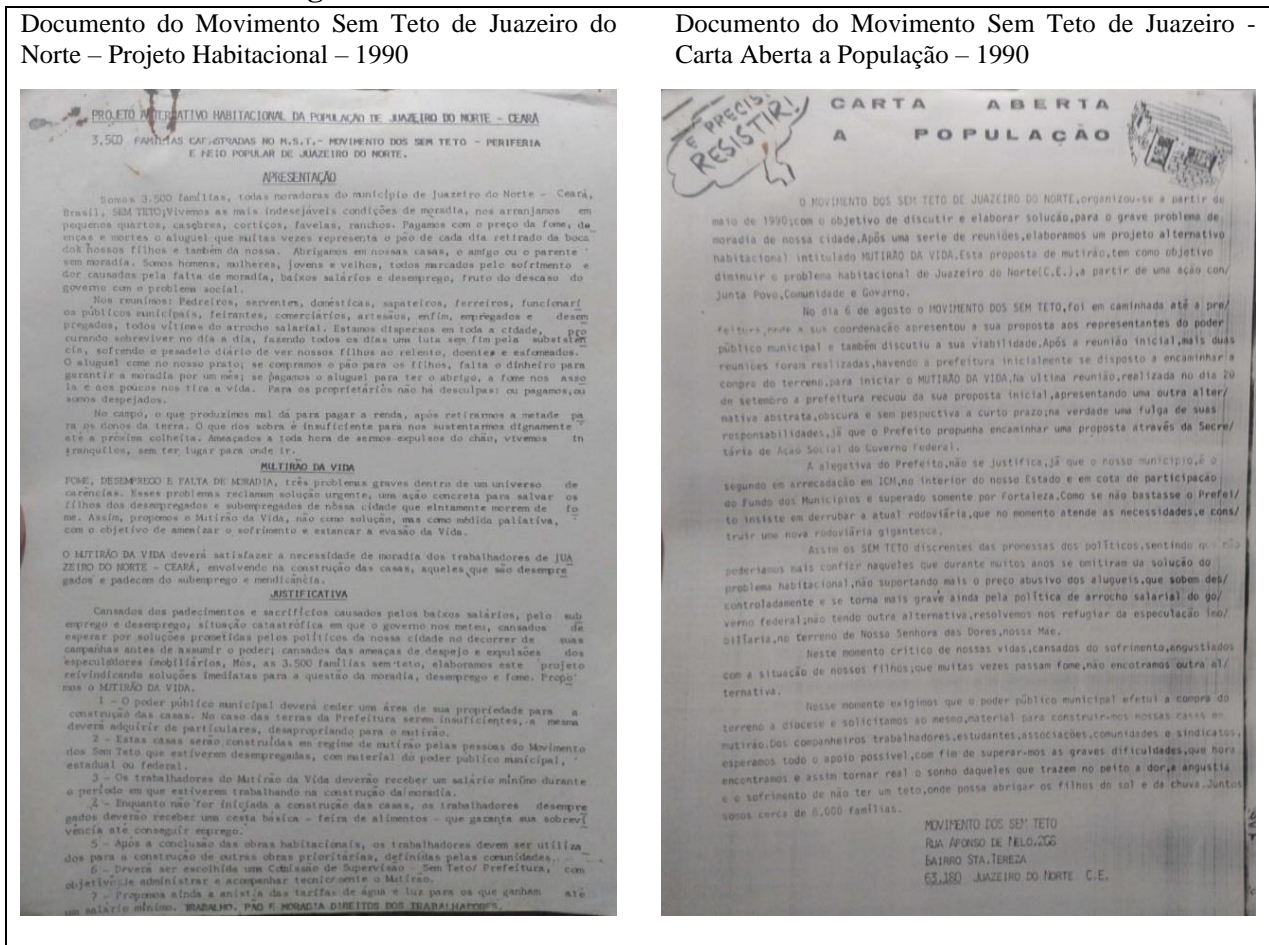
No que diz respeito a ocupação urbana, pelo levantamento de pesquisa que fizemos sobre a organização do Movimento Sem Teto em Juazeiro no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, pudemos constatar que também havia um discurso de que as terras que estavam sendo ocupadas eram herança de Padre Cícero para as mais de 3.500 famílias, em torno de 15.000 pessoas sem teto em Juazeiro do Norte, dados que, segundo nosso informante, tem

²³ Entrevista com liderança do partido dos trabalhadores – PT em Juazeiro do Norte e articulador do movimento sem teto na década de 1980/1990, realizada em 19/07/2014.

respaldo na documentação muito bem arquivada que está sob sua posse. À exemplo disso, em documento do Movimento Sem Teto de Juazeiro do Norte em 1990 exposto nas figuras abaixo afirmava-se:

Somos 3.500 famílias, todas moradoras do município de Juazeiro do Norte – CE, SEM TETO; vivemos as mais indesejáveis condições de moradia, nos arranjos em pequenos quartos, casebres, cortiços, favelas, ranchos. Pagamos com o preço da fome, doenças e mortes o aluguel que muitas vezes representa o pão de cada dia retirado da boca dos nossos filhos e também da nossa. Abrigamos em nossas casas, o amigo ou parente sem moradia. Somos homens, mulheres, jovens e velhos, todos marcados pelo sofrimento e dor causados pela falta de moradia, baixos salários e desemprego. Nos reunimos: pedreiros, serventes, domésticas, sapateiros, ferreiros, funcionários públicos municipais, feirantes, comerciários, artesãos, enfim, empregados e desempregados, todos vítimas do arrocho salarial. Estamos dispersos em toda a cidade, procurando sobreviver no dia a dia, fazendo todos os dias uma luta sem fim pela subsistência, sofrendo o pesadelo diário de ver nossos filhos ao relento, doentes e esfomeados. O aluguel come nosso prato; se compramos o pão para os filhos, falta o dinheiro para garantir a moradia por um mês; se pagamos o aluguel para ter o abrigo, a fome nos assola e aos poucos nos tira a vida. Para os proprietários não há desculpas: ou pagamos, ou somos despejados.

Figura 1 - Documentos do Movimento Sem Teto



Fonte: Arquivo Movimento Sem Teto, em 14 de fevereiro de 2014.

Portanto, as estratégias para efetivação da ocupação envolviam desde manifestações públicas, geralmente em direção à prefeitura, como também articulações com militantes do embrionário Partido dos Trabalhadores (PT), com lideranças religiosas (tal qual o Padre Pedro Lapo), criação de associação de moradores, contratação por conta própria de técnicos e engenheiros. Os integrantes do movimento dos sem teto, segundo uma das lideranças, eram descendentes dos sertanejos que migraram para a “cidade santa”, eram “filhos de pessoas do campo, dos romeiros devotos de Padre Cicero, que vinham para Juazeiro de todos os estados, da Paraíba, de Pernambuco, da Bahia, de Alagoas, de Sergipe, do Piauí, de toda parte do Nordeste, inclusive do Ceará²⁴”.

Figura 2 - Ações do Movimento Sem Teto em 1990.

Manifestação Movimento Sem Teto-1990.



Reunião Movimento Sem Teto-1990.



Fonte: Arquivo Movimento Sem Teto, em 14 de fevereiro de 2014.

Graças aos enfiamentos a ocupação foi bem sucedida e até hoje se apresenta como uma produção da cidade cuja estruturação se deu de forma organizada pela população pobre e subalternizada da cidade, demonstrando que as formas espaciais não são produzidas apenas pelas grandes estruturas econômico-políticas, mas também pelas pessoas simples, ainda que configure um processo de inclusão precária na cidade (MARTINS, 1997). Demonstra, ademais, a relação umbilical entre os sujeitos sertanejos que migraram para Juazeiro do Norte desde sua gênese, quer seja em razão das secas, quer sejam atraídos pela figura do Pe. Cícero, e seus descendentes subalternizados, numa luta contínua pela apropriação e uso de espaços da cidade

²⁴ Entrevista Chico Gomes, ex. seminarista e articulador do Movimento Sem Teto em Juazeiro do Norte, realizada em 25/05/2015

como forma de reprodução da vida, bem como estratégia pela qual a política de classe é mobilizada para fins emancipatórios.

Assim, percebe-se que na cidade de Juazeiro do Norte as trajetórias subalternas de luta e sofrimento ao longo de sua história se apresentam como um elemento fundamental na produção do espaço, aspecto esse cuja análise empreendida por pesquisadores locais, muitas vezes, acaba sendo negligenciada em razão do fator econômico, o qual sobressai-se como preponderante, perdendo elementos da riqueza das lutas sociais e, ao mesmo tempo, de produção da cidade na qual o valor de uso prevalece sobre o valor de troca.

Considerações finais

Neste artigo procuramos analisar a produção do espaço na cidade de Juazeiro do Norte sob o ponto de vista dos sujeitos subalternos. Buscamos um resgate da memória política no âmbito do processo de ocupação urbana do Mutirão da Vida, através das possibilidades da pesquisa qualitativa. Esse exercício metodológico enriqueceu bastante o entendimento do processo de urbanização de Juazeiro do Norte, especialmente no contexto dos anos 1980-1990. Através da aproximação do espaço com as pesquisas de campo, entrevistas e vivências com os nossos informantes, conseguimos captar elementos até então invisibilizados pela história oficial.

De todo modo, em termos analíticos, identificamos que o processo de produção econômica do espaço enquanto dominação se caracteriza pela espoliação das camadas pobres, que atravessa a conformação de espaços periféricos, assim como das favelas, impondo uma lógica de urbanização desurbanizante e desurbanizada (LEFEBVRE, 2001) na medida em que a condição urbana é negada aos sujeitos subalternizados, dado que a cidade é subsumida pelo valor de troca, figurada na propriedade privada do solo urbano.

A precariedade expressa nas condições de acesso às infraestruturas, nas condições de transporte, nos serviços públicos, evidencia uma ausência-presença do Estado enquanto agente hegemônico da produção do espaço cujas ações se fazem presentes ao privilegiarem espaços estruturados para circulação e a instalação de forças produtivas, bem como para reprodução da cidade como negócio. Por outro lado, a ausência mostra-se explícita quanto ao provimento das necessidades mais básicas para reprodução da vida social em espaços onde vivem os sujeitos subalternizados.

Em Juazeiro do Norte, cujo processo de urbanização célere e contraditório contou com a participação de milhares de romeiros na condição de sertanejos expropriados, à medida em que o centro tornou-se espaço privilegiado da Igreja, da burguesia local e da administração pública, o tecido urbano esgarçou-se a partir da ocupação do solo urbano pelos sujeitos subalternizados no último quartel do século XX, os quais, de forma coletiva e solidária, uniram-se em torno da luta pela moradia, realizando ocupações estrategicamente em áreas reivindicadas como herança deixada pelo Padre Cícero aos mais pobres.

Nesse processo em que o urbano se coloca como virtualidade e reivindicação os sertanejos ou descendentes destes, os mesmos que fizeram parte de momentos históricos decisivos durante o processo de formação da cidade, assumiram o protagonismo de suas próprias histórias travando conflitos tanto com a Igreja como também com o Estado num contexto de lutas e reivindicações que não se restringiam a escala intraurbana, estavam situadas num contexto mais amplo no que diz respeito até mesmo a origem de movimentos sociais urbanos e partidos de esquerda²⁵

Assim, as resistências na busca pela apropriação do espaço, não apenas em se tratando da autoconstrução, como também as assembleias deliberativas e debates relativos às formas de enfrentamento, corresponde a uma estratégia da classe em si e para si, na qual, em certa medida, ensaia-se a luta mais ampla pelo direito à cidade travada em vários recortes do mundo urbano nas últimas décadas.

Referências

ALVES, Maria das Graças. **Impacto ambiental causado pelo lixo na rua Lindalva Fernandes, no Bairro Horto, Município de Juazeiro do Norte-CE**. Monografia especialização em Geografia, Crato, URCA, 2005.

ARAUJO, Maria de Lourdes. **A cidade de padre Cícero: trabalho e fé**. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em planejamento urbano e regional, UFRJ, 2005.

AVRITZER, Leonardo. (ORG). **Experiências nacionais de participação social**. São Paulo, Cortez, 2009.

²⁵ Daí a participação de lideranças emergentes do Partido dos trabalhadores (PT), alas progressistas da Igreja, alinhadas com os princípios da incipiente teologia da libertação, e a forte influência de movimentos sociais que pautavam a luta por moradia em São Paulo. Caracterizando-se como uma das principais lideranças do movimento sem teto que originou o Frei Damião (Mutirão), Chico Gomes enfatizou em entrevistas, por mais de uma vez, as experiências acumuladas com as ocupações urbanas em São Paulo, principalmente no Grajaú, antes mesmo de migrar para Juazeiro do Norte.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshal. **Aventuras no marxismo**. São Paulo: companhia das letras, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. 1ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri.. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. 3ed. São Paulo: companhia das letras, 2014.

CEARÁ. **Levantamento básico dos municípios cearenses: Juazeiro do Norte**. Fortaleza, Dez. 1979.

CORRÊA, Roberto Lobato. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria.(Orgs.) **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

DAVIS, Mike. **Holocaustos Coloniais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

DESLAURIÉS, Jean Pierre; KERISIT, Michele. **O delineamento da pesquisa qualitativa**. Editora Vozes, Petropolis-RJ, 2008

GOMES, Daniel Assis. **A cidade do progresso: do transporte público aos dilemas com abastecimento de água e luz em Juazeiro do Norte (1950-1980)**. In: Revista Cordis, São Paulo, Jul/Dez 2013.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. O espaço como palavra chave. IN: **Revista GEOgraphia**. V.14, n.28. Original: Harvey, D. (2006). Space as a keyword. In: Castree, N. e Gregory, D. (org.)*David Harvey: a critical reader*. Malden e Oxford: Blackwell. Tradução livre: Letícia Gianella. Revisão técnica: Rogério Haesbaert e Juliana Nunes, (2012).

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 7 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro,2001.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo, Ática, 1991.

LEOPOLDO, Eudes. (2020). Metropolização regional e nova regionalização do capital. **Car. Metrop.** São Paulo, n.47, pp. 85-102.

LUNA, Agilandia Lacerda. **Condições sócio-ambientais da favela boca das cobras (na vila Jaime de Melo) em Juazeiro do Norte-CE**. Monografia especialização em Geografia, Crato, URCA, 2005.

MARICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

MARICATO, Ermínia.. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. Org. O. Arantes; C. Vainer; E. Maricato. In: **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Vozes: Petrópolis, 2000.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MENEZES, Otávio Aires. **Juazeiro e seu legítimo fundador o padre Cícero Romão Batista**. Histórias da cidade, Crônicas. Fortaleza, gráfica LCR, 2012.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará**. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Fortaleza, secretaria de cultura e desporto, 2000.

NEVES, Jorge – Organização urbana, uma base para o desenvolvimento regional do cariri - Revista **HyHyté** N. 3 1976.

PALMEIRA, Elizete da Silva. **Favela dos Trilhos: da formação à estrutura atual do espaço**. Monografia especialização em Geografia, Crato, URCA, 2004.

PEREIRA, Cláudio Smalley. **Centro, centralidade e cidade média: o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de ciência e tecnologia, programa de pós-graduação em geografia, UNESP, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. **Plano diretor de desenvolvimento urbano de Juazeiro do Norte**. PMJ, 2000.

QUEIROZ, Ivan da Silva. **A Metrópole do Cariri: institucionalização no âmbito estadual e a dinâmica urbano-regional da aglomeração do Crajubar/CE**. Tese (Doutorado). Recife: UFPE/MDU, 2013.

QUEIROZ, Fabio José Cavalcanti. **Padres, Coronéis e ativistas sociais: O cariri à época da usurpação militarista 1964-1985**. Tese de doutorado, departamento de ciências sociais, programa de pós-graduação em sociologia, UFC, 2010.

RIOS, Kênia. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 7ed. São Paulo: contexto, 1997.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desigualdades socioespaciais – A luta pelo direito à cidade. In: **Revista Cidades**, V.1, N.1, 2004, Presidente Prudente: Grupo de estudos urbanos.

SANCHEZ, Felix. **Orçamento Participativo: teoria e prática**. São Paulo, Cortez, 2002.

SILVA, Glauciano Luz. **O Bairro Triângulo de Juazeiro do Norte-CE: um estudo de caso**. Monografia especialização em Geografia, Crato, URCA, 2009.

SILVA, Henrique Alves. **Transformações do planejamento urbano em cidades de porte médio e em cidades médias brasileiras**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de ciência e tecnologia, programa de pós-graduação em geografia, UNESP, 2013.

SILVA, José Borzachiello da. **Quando os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza, Multigraf Editora, 1992.

SILVA, Judson Jorge. **Caldeirão e Assentamento 10 de Abril**: passado e presente na luta por terra no Cariri cearense. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2010.

SILVA, Lindeci Alves. **A questão do lixo no Bairro Frei Damião (Mutirão) – Juazeiro do Norte**. Monografia especialização em Geografia, Crato, URCA, 2009.

SOARES, Douracy. **O Cariri**: Crato – Juazeiro do Norte – Estudo de Geografia Regional, 1968.

VIDAL, Carlos Alberto. **As romarias e suas influências no processo de favelização em Juazeiro do Norte**. Monografia especialização em Geografia, Crato, URCA, 1995.

Artigo recebido em 27-10-2020
Artigo aceito para publicação em 15-04-2022